

CRIANDO “CORDEIROS”: AJUDANDO-OS A CRESCER

RAISING SHEEP: HELPING LAM(BS) GROW UP

MICHAEL J. FOX | Diretor emérito da Minnesota Historical Society.

RESUMO

O conceito de acesso público integrado a todas as coleções de pesquisa da Minnesota Historical Society foi vislumbrado já em 1985. O que parecia, a princípio, um simples exercício intelectual e desafio gerencial teve de enfrentar uma gama de inesperados obstáculos técnicos, sociais, profissionais e organizacionais, ao mesmo tempo em que o entendimento institucional do objetivo subjacente do processo evoluiu. Esta é a história da interação entre *software*, normas técnicas, normas profissionais, gerenciamento, natureza humana, sistemas organizacionais e usuários.

Palavras-chave: acesso; arquivo; biblioteca; museu; Minnesota Historical Society.

ABSTRACT

The concept of integrated public access to all the research collections of the Minnesota Historical Society was envisioned as long ago as 1985. What seemed at first to be a straightforward intellectual exercise and managerial challenge has faced instead a range of unexpected technical, social, professional, and organizational obstacles even as the institution's understanding of the underlying objective has evolved. This is a story of about the interplay of software, standards, professional norms, management, human nature, organizational systems, and customers.

Keywords: access; archives; libraires; museums; Minnesota Historical Society.

RESUMEN

El concepto de acceso público integrado a todas las colecciones para investigación de la Minnesota Historical Society fue concebido ya en 1985. Lo que al principio parecía ser un ejercicio intelectual sencillo y desafío de gestión ha tenido de enfrentar una serie de obstáculos técnicos, sociales, profesionales y organizacionales inesperados, al mismo tiempo que la comprensión por la institución acerca del objetivo subyacente ha evolucionado. Esta es una historia sobre la interacción de software, estándares, normas profesionales, la gestión, la naturaleza humana, los sistemas de organización y clientes.

Palabras clave: acceso; archivos; bibliotecas; museos; Minnesota Historical Society.

APRESENTAÇÃO

Dizem que a maneira como você se posiciona tem muito a ver com o cargo que ocupa. Isto é, as atitudes de uma pessoa e suas ideias a respeito de uma questão são fortemente influenciadas pelo ambiente em que ela trabalha. Então, permita-me começar minha fala sobre a criação de “cordeiros” com o contexto institucional de minha organização, assim como todo bom historiador e arquivista deveria fazer.

Há várias coisas que vocês precisam saber sobre a Minnesota Historical Society como pano de fundo de minha narrativa.

Primeiro: A *Society* é uma instituição educacional de âmbito estadual que preserva a evidência do passado e conta histórias do povo de Minnesota de modo a oferecer oportunidades de aprendizagem ao longo da vida que ajudam a população a comprometer-se com sua história.

Segundo: Temos muitas frentes que contribuem para essa missão. Entre elas há, para a pesquisa, acervo de livros, documentos privados, arquivos públicos, recursos visuais e sonoros que incluem arte e documentos tridimensionais. Essas coleções documentam a história dos Estados Unidos e Canadá, com ênfase especial em Minnesota, estados adjacentes e províncias canadenses. Também operamos 26 museus e sítios históricos no estado. A distribuição geográfica dessas instituições, sua amplitude temática e suas variações operacionais criam alguns desafios singulares. A rede inclui casas transformadas em museus, dois fortes militares, um farol, uma fazenda, diversos campos de batalha, paisagens históricas, e três museus especialmente construídos, sendo um deles nas ruínas de um moinho de farinha tombado pelo registro nacional de patrimônio norte-americano.

Terceiro: Os programas interpretativos da *Society* são vitais para a execução bem-sucedida de sua missão e dividem a atenção, e os recursos, com nossas atividades de pesquisa e publicação, que são as mesmas de instituições congêneres tanto em relação à finalidade quanto ao alcance. Este é um aspecto significativo de minha história. Este não é um museu com uma biblioteca de apoio e programas educacionais, ou vice-versa. Esta realidade afetou o caminho que percorremos.

Quarto: Em 1992, nossa equipe e nossos programas mudaram-se de três locais públicos e cinco instalações de depósitos para um único e novo prédio em Saint Paul, o Minnesota History Center. Um importante aspecto planejado para esta mudança foi a introdução de uma central de referência, que deveria ter uma concepção mais ampla do que seu nome talvez indicasse: depósito centralizado de coleções, acesso público centralizado a todas as coleções por meio de uma sala de leitura comum, uma única equipe de referência para atender à área e um catálogo integrado para todas as coleções. A ideia era de um “balcão único” para o pesquisador que anteriormente tinha que se dirigir a cinco salas de leitura separadas para consultar todas as nossas coleções. A expressão “central de referência” tornou-se senha para o que hoje descreveríamos como colaboração entre bibliotecas, arquivos e museus. Aqui quero focar particularmente no aspecto da central de referência que se relaciona com a integração do processo de descoberta de recursos em nossas várias coleções.

Minha apresentação é um histórico em três partes. Ela relata como tentamos fazer isto acontecer, identifica os obstáculos com que nos deparamos (espero que vocês possam achá-los instrutivos ou confortadoramente familiares) e conclui com a descrição do ponto em que nos encontramos hoje.

Permitam-me começar com uma descrição do que fizemos: uma breve história de tentativas e erros no caminho da realização da concepção da central de referência. Para aclarar uma série de eventos complexos, dividirei essa apresentação de marcos em nossos esforços em quatro fases.

A primeira fase pode ser chamada “Temos uma teoria; agora, como fazemos para realizá-la?”

Quando a ideia da central de referência foi pela primeira vez discutida, por volta de 1986, acesso integrado significava nada mais que uma simples ideia de alocar as fichas de diversos catálogos em um único conjunto de gavetas. Parecia uma solução brilhante e de baixo custo, mas, quando estudei essa ideia mais cuidadosamente, ao entrar na *Society* em 1987, ficou claro que seria impraticável em razão da variedade de práticas de catalogação para diferentes coleções ao longo dos anos. Estas incluíam formatos de fichas e de distribuição da informação diversos e inconsistentes, diferentes conteúdos descritivos, e uma multiplicidade de vocabulários normalizados ou não para pontos de acesso (formas autorizadas dos nomes, cabeçalhos de assuntos etc.). Assim, quando nos mudamos em 1992, simplesmente alinhamos todos os fichários na única e nova sala de leitura. Ao menos eles estavam todos num único lugar, mais ou menos como em um restaurante com cardápios de vinhos, de pratos principais, de pratos do dia, de sobremesas e pequenos cartões sobre a mesa com anúncios de drinques especiais.

A segunda fase pode ser caracterizada como “MARC: o grande integrador”.

No final da década de 1980, começamos a usar o serviço bibliográfico em rede OCLC¹ para catalogar nossas coleções publicizadas. Com a introdução do formato MARC para controle de documentos públicos e privados, passamos a adicionar catálogos de documentos em formato MARC referentes às nossas coleções privadas e de documentos públicos estaduais à base de dados da RLIN (*Research Libraries Information Network*), pertencente ao *Research Libraries Group*. Com o tempo, e depois de considerável conversão retrospectiva, essas descrições chegaram até um catálogo público acessível em todo o estado, chamado MnPALS,² no qual podem ser encontradas até hoje. Hoje esta rede emprega o *software* de bibliotecas Aleph.

Isso funcionou tão bem, que dissemos: “Que diabos, vamos tentar isto com nossos acervos de cultura material também”. Utilizaríamos o formato de catalogação MARC para os acervos de museus. Recebemos uma subvenção do *National Endowment for the Humanities* (NEH), catalogamos cerca de 12 mil itens das coleções tridimensionais, extrapolando as re-

1 Ohio Colleges Online Consortium – agora, apenas o acrônimo é usado.

2 Ver <www.mnpals.org>.

gras de catalogação descritiva arquivísticas e bibliográficas e as convenções de etiquetagem do MARC. As entradas foram alimentadas na RLIN e exportadas para o MnPALS.

Quando tudo terminou, procuramos ver se outros museus estariam interessados na nossa abordagem. Recebemos um grande bocejo e uma série de respostas do tipo “não fazemos invenções aqui”. Algumas delas foram bem razoáveis. *Softwares* desenvolvidos para bibliotecas nunca foram bem ajustados para os serviços internos, como o gerenciamento de aquisições ou conservação de qualquer coisa além de materiais impressos. Mas, igualmente significativa, pareceu-nos ser a antipatia de muitos museus em relação a compartilhar informações sobre seus acervos com o público. Pesquisa era para acadêmicos; coleções, para profissionais interpretarem por meio de exposições. E, de qualquer forma, se deixássemos o público saber o que estava em nossas coleções, ele apenas tentaria roubá-las. Isso era um beco sem saída; NEH não queria estender a subvenção para que levássemos adiante essa experiência.

Ao mesmo tempo em que empacamos com o MARC, novos modelos tecnológicos nos impulsionaram à terceira fase: “A melhor das soluções, ou, a base de dados de todos os formatos”.

Essa nova maravilha, a internet, apareceu e com ela a ideia de disseminar informação de múltiplas fontes, incluindo bases de dados relacionais que seriam separadas das normas de catalogação *on-line* de bibliotecas. Trocamos nosso foco sobre como poderíamos melhorar o acesso às coleções – nossa ênfase agora seria no uso de tecnologia baseada na internet para disseminar informação, em vez de concentrar esforços na melhoria do acesso por meio do uso de um único depósito de informação como o MARC e o OPAC. Terceirizamos a criação de uma base de dados desse tipo, que manejaria o acesso “único” e os requisitos de gerenciamento de nossas coleções de fotos e de arte – era essa a única exigência do curador? Não me lembro. A direção da Biblioteca foi inflexível, exigindo que criássemos apenas um catálogo acessível pela internet, já que ninguém iria querer ver suas próprias fotos disponibilizadas *on-line*. Mas eu fui desobediente (e silencioso), até que a primeira versão da prosaicamente nomeada *Visual Resources Database* apareceu com mil imagens. Foi um sucesso instantâneo.

Então abordamos nosso acervo de jornais. A direção da Biblioteca, à qual eu estava subordinado, realmente não gostava dessa confusão na catalogação das publicações seriadas, em especial da mudança de títulos – e quem pode culpá-la? Assim, construímos (você adivinhou) outra base de dados customizada para o acervo de jornais.

Em todo esse processo, percebemos que precisávamos de um sistema interno, que englobasse todas as coleções, para rastrear operações como aquisição, armazenamento, conservação e para oferecer acesso público às coleções museológicas. Adquirimos o *software* australiano Emu.³ Este produto é usado principalmente por museus maiores para rastrear aquisição, catalogação, conservação e armazenamento de artefatos tridimensionais, incluindo

3 *Electronic Museum*, ver: <<http://www.kesoftware.com/user-group-meetings/10th-european-emu-user-conference-newcastle-uk-25-26-april-2013.html>>.

do achados arqueológicos. Ele tem sido nosso burro de carga desde então, assumindo, com o passar do tempo, responsabilidades adicionais sobre outras coleções, como as de fotografias e mapas.

Mais recentemente, instrumentos de pesquisa arquivísticos no formato *Encoded Archival Description (EAD)* têm sido convertidos em arquivos HTML e oferecidos a partir do sítio eletrônico ou dos hiperlinks das descrições de itens no catálogo *on-line* da Biblioteca.

E era aí onde estávamos três anos atrás: sistemas múltiplos, acessados separadamente para descobrir metadados de coleções e representantes digitais. Deixei-me parar o filme aí (vou reiniciá-lo depois) e considerar as questões que nos impediram de atingir o objetivo de uma central de referência nesses vinte anos.

Quais foram as questões subjacentes que afetaram as decisões que tomamos nesses anos? O que parecia, a primeira vista, um exercício intelectual e um desafio gerencial esbarrou, em vez disso, em uma gama de inesperados obstáculos técnicos, sociais, profissionais e organizacionais, ainda que o entendimento da instituição sobre o objetivo básico tenha evoluído. Deixei-me agrupá-los em três categorias.

I) Gerenciamento e estrutura organizacional:

Lembrem-se de que nosso programa de pesquisa em arquivo e biblioteca e nosso museu eram mais ou menos equivalentes em termos de recursos e de relevância na instituição. Havia três atores cuja cooperação era essencial para estabelecimento de uma central de referência: o diretor-executivo, o diretor da Biblioteca e Arquivo e o diretor do Museu, que tinha a responsabilidade sobre os três tipos de acervo. Infelizmente, o diretor do Museu não estava de fato interessado em integração. Nunca ficou claro para mim o quanto isto era uma questão de territorialidade, personalidade, prioridades, ou de desinteresse profissional em apoiar a pesquisa pelo público em geral. Como o diretor da *Society* não forçou o assunto, nada aconteceu com as coleções do museu – a não ser o que pôde ser feito pela equipe operacional sem ser percebido – até que dois sucessivos vice-diretores de museus se afastaram e a responsabilidade administrativa por todos os acervos foi centralizada. Uma liderança forte é necessária para superar resistências resultantes da natureza humana e de compartimentações organizacionais.

II) Normas profissionais:

Todos entendemos que diferentes setores da área de memória e as coleções que eles preservam e compartilham realmente têm diferenças. Entre essas diferenças estão posicionamentos distintos quanto às coleções como fontes públicas. Enquanto a *web* está minimizando essas diferenças, recordo um tempo em que os bibliotecários referiam-se a materiais não publicados como “não-livros” e as regras de catalogação tratavam manuscritos como uma forma defeituosa de publicação. Bibliotecários e arquivistas têm uma forte tradição de ajudar o usuário por meio de referência e outros serviços. Mas lembro-me de um proeminente arquivista argumentando que nossa primeira responsabilidade era com os documentos, não com os usuários. Muitos curadores continuam a acreditar que seu papel como especialistas é explicar seus acervos aos visitantes por meio de exposições interpretativas. E eu me recordo de discordar, não faz muito tempo, em uma sessão da reunião anual

da Society of American Archivists, de um colega que pensava que arquivistas não deveriam fazer exposições, uma vez que elas comprometiam sua neutralidade frente ao documento histórico.

Essas diferenças traduzem-se em desentendimentos sobre o que devemos dizer a respeito de nossos acervos e [de] como os descrevemos para facilitar a descoberta de fontes. Deve-se transcrever a informação existente no documento, analisar o conteúdo de um conjunto ou descrever as características físicas do objeto, digamos, um martelo ou uma obra de arte? É contexto ou conteúdo, e de que natureza? O pesquisador perplexo confronta-se com essas diferenças quando a interface *on-line* simultaneamente apresenta informações não apenas sobre livros, mas também sobre armas de fogo, fotos e objetos artísticos.

Pensávamos estar fazendo algo chamado catalogação, mas então descobrimos os metadados e as discussões se tornaram bem mais complexas. As questões levaram muito tempo para ser trabalhadas, mas aprendemos uma importante lição. Tínhamos de considerar os contextos profissionais mais amplos nos quais trabalhávamos e não apenas o que podia ser feito dentro de nossa instituição. Tínhamos de lidar com diferenças reais entre as disciplinas. De uma perspectiva a dez mil metros de altura, a estrada para a integração parecia facilmente navegável, mas no nível do chão o caminho era esburacado, enlameado e minado. Aprendemos do modo mais difícil que a resistência à mudança é especialmente poderosa quando a cautela humana é apoiada pela força da autoridade profissional e tradições de longa data.

III) Tecnologia:

Francoamente, mesmo que tivéssemos resolvido as questões sociais e organizacionais há 15 anos, não poderíamos ter avançado sem o desenvolvimento de tecnologias que afinal permitiram alcançar nossa visão. É claro que o maior salto tecnológico veio com a internet, por duas razões: sua ubiquidade de serviços nos libertou de redes proprietárias de escala limitada. Mas mais significativo, acredito, foi o impacto de aplicativos do tipo Google como tecnologias integradoras, as quais reúnem informações diferentes com custo mínimo e uma abordagem menos rígida para a forma e o conteúdo dos dados. Muitos entenderão o que direi agora como heresia, mas minha opinião é baseada em quase quarenta anos de trabalho nesta seara. Para grande consternação daqueles que pensam que o mundo queria um gigantesco catálogo de metadados altamente estruturado, chegamos à compreensão de que o público é servido razoavelmente bem, e de modo mais sustentável, por algo menos centralizado e estruturado.

Isto me traz ao presente e à quarta, mas dificilmente última, fase desta história. Chamo-a de "Período federativo". Nossa abordagem atual para a integração do acesso a recursos de informação é baseada em quatro ideias:

- uma mudança na visão do que a integração envolve;
- a compreensão de que o "perfeito" é o inimigo do bom e que soluções mais simples podem ser efetivas e sustentáveis;
- a necessidade de limitar nossa exposição em muitas plataformas diferentes, o que também é uma questão de sustentabilidade; e

- uma solução técnica mais simples, mais flexível e extensível, começa simplesmente unindo as partes.

1. Uma mudança na visão do que a integração envolve:

A central de referência presumia que o usuário queria acesso unificado à informação sobre as coleções. Hoje, percebe-se que o usuário quer o acesso integrado aos recursos e deseja que esses recursos incluam uma gama maior de fontes de informação do que produzimos ou adquirimos, do que aquela que tínhamos previamente pensado.

- Às vezes essa informação toma a forma de indicadores para documentos através da mediação de metadados estruturados.
- Às vezes consiste no acesso direto aos conteúdos de índices especializados que adquirimos ou nós mesmos produzimos: registros civis, dados de censos, registros militares, dados relativos a óbitos e funerais, informações biográficas e geográficas.
- Às vezes é facilitada por meio da pesquisa à íntegra dos textos das fontes primárias, como jornais, revistas, livros, manuscritos;
- Às vezes requer a exibição de representantes digitais para todos os tipos de acervo de que dispomos.

Como principal instituição de patrimônio cultural da região, expandimos nossa visão, idealizando um portal na *web* que integraria acesso, não apenas às nossas próprias e distintas coleções, mas também àsquelas de nossos parceiros na história de Minnesota, North Dakota e South Dakota. Por meio de uma grande subvenção de uma fundação regional, conseguimos custear o trabalho e superar as barreiras técnicas e organizacionais para a criação do que é hoje conhecido como a *Great Rivers Network* (www.greatriversnetwork.org).

2. O catálogo único, com inclusão universal, nunca ocorrerá:

Isto pode parecer uma heresia, mas na minha forma de pensar, o último suspiro desse catálogo único pode ser a fantasia da *web 2.0* de que poderemos mapear todos os diferentes esquemas de metadados para alcançar uma rede semântica gigante. De certa forma, essa fantasia me parece um “esquema de pirâmide” de catalogação. Posso estar errado, mas quem pode me dizer de onde virão todos os recursos para se atingir essa meta?

3. A necessidade de se minimizar o número de sistemas que temos de sustentar:

Nosso acervo de jornais está agora no catálogo da Biblioteca, que é onde ele sempre deveria ter estado. A base de dados de recursos visuais acabou e seu conteúdo foi migrado para o EMu. Apanhamos para aprender que construir sistemas próprios customizados requer um alto custo de manutenção das plataformas de programas e equipamentos, encargos que são mais bem partilhados com outros usuários, seja de produtos comerciais, seja de ferramentas de fonte aberta com apoio de uma comunidade.

4. Nossa nova visão técnica:

Seria a utilização de um conjunto de componentes que nos permitisse entrar com dados de diversas origens, bases de dados especialmente customizadas, e manejar sua inde-

xação, busca e exibição, enquanto, também trabalhando em tempo real, realizasse buscas federadas em bases de dados associadas de sistemas normalizados como o nosso OPAC. Adquirimos, inicialmente, o *software* IDOL, da empresa Verity, com a premissa de que uma única ferramenta poderia fazer as duas coisas. Após três anos, nós o abandonamos, por ser demasiadamente caro e complexo para nossas necessidades e capacidade técnica.

No nosso novo modelo, empregamos uma combinação de Solr/Lucene, um conjunto de produtos de *software* de fontes abertas desenvolvido pela California Digital Library, para realizar a indexação de recursos baseados em texto, para trabalhar a indexação da informação extraída de um conjunto de repositórios de dados e de serviços de busca da rede, e para pesquisar e exibir informação dessas fontes e realizar buscas federadas em nossos sistemas normalizados, como nosso OPAC. Com essa abordagem simples e de tecnologia relativamente acessível, a única caixa de busca no topo de nossa página inicial na *web* devolve resultados de busca no próprio sítio eletrônico da *Society*, de catálogos de coleções disponibilizadas no Aleph e no EMu, e de várias fontes textuais integrais e índices dos tipos de dados que enumerei anteriormente. O trabalho continua nos testes e refinamentos da exibição dos resultados da busca, mas os componentes já estão dispostos de uma forma que permite grande flexibilidade. Esse aspecto do projeto é uma área em que as necessidades próprias de nossos usuários específicos requerem uma interface diferente daquela que poderia ser desejada por uma instituição de perfil mais acadêmico, por exemplo. Uma busca no sítio eletrônico www.greatriversnetwork.org expande o número de fontes pesquisadas para incluir diversos sítios que usam o *software* de indexação CONTENTdm, assim como bases de dados customizadas adicionais das organizações parceiras da área de história de Minnesota, North Dakota e South Dakota.

Essa realidade é diferente daquela que inicialmente imaginávamos, mas a vida não é assim? Certa vez um consultor me disse que há quatro possibilidades quando se inicia um projeto tecnológico: você pode fracassar em conseguir seus resultados; pode atingir seus resultados e então descobrir que eles não eram realmente o que você na verdade precisava; pode atingir seus objetivos e descobrir que eles eram exatamente o que você precisava; ou pode terminar com algo novo e melhor do que aquilo que você imaginava. Nossos usuários e nossa visão para eles de um recurso integrado de pesquisa persiste – a tecnologia vem e passa.

Uma versão deste texto foi apresentada numa reunião conjunta da Visual Resources Association e da Art Libraries Society of North American, em Minneapolis, Minnesota, em março de 2011. O título é um jogo de palavras com as expressões LAM – Libraries, archives and museums (Bibliotecas, arquivos e museus) – e a palavra lamb, cordeiro, assim como no filme Silence of the lambs (O silêncio dos inocentes).

Tradução de Maria Elisa Bustamante

Recebido em 15/8/2013
Aprovado em 22/8/2013